

A CIDADE DA INFÂNCIA

Na cidade mineira da casa dos avós maternos, um rio que pertencia apenas a uma mulher parecia excessivo. Mas havia, na cidade, o rio da Dona Leonor.

Ficava, naturalmente, em terras que lhe pertenciam, embora limítrofes com as ruas da própria cidade.

Era antes um riacho, mais para córrego, entre bambuais, e nele os meninos iam pescar lambaris de rabo vermelho e bagres. Bastava afundar pela avenida, para se chegar ao rio de Dona Leonor.

Mas, se naquela cidade havia o rio e sua dona, a quem verdadeiramente pertencem os rios e os córregos? Pertencem a todos, principalmente aos meninos.

A Rua D'Aparecida, onde ficava a casa dos avós, era íngreme, e quando chovia os meninos acorriam para soltar na grossa enxurrada seus barquinhos de papel ou apenas chafurdar na água.

Jardins e praças, coretos e chafarizes são de todos. Mas, a calçada entre os dois extremos das paredes da casa avoenga era a minha calçada. Não fossem outros meninos traçar nela, a carvão ou giz, a carantonha do sol ou o jogo da amarelinha.

Esse sentimento de propriedade, e de propriedade exclusiva, é muito complexo.

O banco de granito, onde se vai sentar habitualmente com a namorada, debaixo de uma árvore, com que direito outros vão nele sentar-se?

Lá para cima havia, na mesma cidade, o palácio do Bispo, que era, sem dúvida, do Bispo.

Já os Correios e Telégrafo, lá para baixo, eram disputados por todos que tinham neles a sua própria Caixa Postal. Havia também a Posta Restante.

No cine-teatro São Carlos, das matinês e dos seriados de domingo, havia as cadeiras cativas do juiz de direito, do promotor de justiça, do delegado de polícia, do prefeito e de duas ou três pessoas gradas.

Permaneciam vazias, e encapadas com um pano grosso, se essas pessoas importantes não viessem.

Uma cidade é uma comunidade de proprietários e de despojados, que são os joões-ninguém.

Antonio Carlos A. Gama